

# O RELATO EPISTOLAR DE TRANSFORMAÇÃO E LIBERDADE DA MULHER NEGRA EM *A COR PÚRPURA* DE ALICE WALKER

THE EPISTOLARY REPORT OF TRANSFORMATION AND LIBERTY OF THE  
BLACK WOMAN IN *A COR PÚRPURA* DE BY ALICE WALKER

Anna Clara do Nascimento Meneses<sup>1</sup>

Michelle Andressa Alvarenga de Souza<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo demonstra o poder transformador da literatura e do processo de escrita por meio do romance *A Cor Púrpura*, de Alice Walker. Ele sintetiza as violências de gênero e racial vividas pela mulher preta que, por muito tempo, foi silenciada e invisibilizada. Através da intimidade da narrativa epistolar do livro, é possível perceber as violências que se propagam silenciosamente, herdadas de uma sociedade racista e sexista. Apontamos na história a realidade das personagens e mostramos o poder de transformação através do reconhecimento. Percebemos a importância da voz dada pelas autoras dessa onda de produção literária à liberdade da mulher preta e à luta por seus direitos de existir em uma realidade melhor que a englobe.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita epistolar; Violência de gênero; *A Cor Púrpura*.

**ABSTRACT:** This article demonstrates how self-writing can be transformative and freeing in oneself. In the book *A Cor Púrpura*, by Alice Walker, she synthesizes gender and racial violence experienced by black women, who for a long time were silenced and not seen. Through the intimacy of the book's epistolary narrative, it is possible to perceive the violence that propagates silently, inherited from a racist and sexist society. We will point out in the story the reality of the characters and show the power of transformation through self-recognition. We acknowledge the importance of the voice given by the authors of this wave of literary production to the freedom of black women and the struggle for their rights to exist in a better reality that encompasses them.

**KEYWORDS:** Epistolary writing; Gender violence; *A Cor Púrpura*.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras - Inglês pela Universidade de Brasília - Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0004-6952-0714> E-mail: [annaclara\\_127@hotmail.com](mailto:annaclara_127@hotmail.com)

<sup>2</sup> Mestra em Lingue Letterature Moderne pela Università degli studi di Torino - Itália. Doutoranda m Estudos Linguísticos e Literários em Inglês na Universidade de São Paulo - Brasil, com período sanduíche em University College Dublin - Irlanda. Bolsista CAPES - Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8804-2923>. E-mail: [michelle.alvarenga@gmail.com](mailto:michelle.alvarenga@gmail.com)

## 1 Introdução

O ato de escrever pode ser uma simples tarefa de passatempo ou vir a partir da vontade de registrar algo. Quando falamos de escrita do Eu, vem uma camada a mais. Escrever sobre si mesmo é um ato de guardar-se e enxergar-se, como de quem se preserva para marcar ou assegurar sua história e sua existência. Ao pensarmos na escrita de si mesmo de pessoas de grupos historicamente marginalizados, vemos um marco de suas existências, um lugar onde podem existir plenamente.

Os preconceitos e suas violências estão em diversas áreas da nossa sociedade, por isso é comum vê-los nas produções artísticas e expressões humanas. A literatura, sendo uma delas, é uma poderosa arma social de transformação e identificação por poder carregar realidades ocultas ou invisibilizadas e, por meio dela, semear significativos melhoramentos sociais.

As mulheres negras então, historicamente invisibilizadas, ao ocupar esse lugar de escrever sobre si mesmas, escrevem sobre si e a várias outras também apagadas. Autoras como Alice Walker contam em seus livros histórias de sobreviventes a essas realidades que não são vistas, onde sofrem a violência dos símbolos sociais, que não te atacam fisicamente, mas moral e psicologicamente, além das violências físicas e sexuais. Podemos ver esses fatores refletidos nas obras de mulheres negras, que ao abordarem isso, trazem à tona suas questões e a de tantas outras, como se trazendo à verdade algo que não era falado antes e por muitos não era sabido.

Houve então uma tendência na literatura afro-americana escrita por mulheres nas décadas de 1970-1980 de narrativas em primeira pessoa, porque justamente dão lugar de fala para essas mulheres ficcionais, de abrirem seu coração para situações reais que aconteciam. Em *A Cor Púrpura*, acompanhamos a história de Celie, que escreve cartas para Deus sobre sua vida e é através

dessas cartas que vemos as violências e a trajetória de uma mulher negra oprimida de inúmeras formas até a conquista de sua liberdade.

Celie, aos 14 anos, é constantemente abusada e estuprada pelo homem que ela chama de pai. Desses abusos nasceram duas crianças, que são levadas embora por ele, que deixa Celie sem saber de seus destinos. Acompanhamos a inocência de uma menina que sequer entende o que está acontecendo com ela, ao mesmo tempo em que quer proteger sua irmã mais nova, Nettie, de sofrer o mesmo. Celie é dada em casamento e vai, ainda nova, cuidar das crianças de seu novo marido, enquanto sua irmã foge e perde o contato com ela. Celie foi afastada da pessoa mais importante de sua vida, sua irmã, e fica décadas crendo que ela estava morta, até que descobre que seu marido escondia as cartas dela. E assim passamos a ver uma irmã escrevendo para a outra, apesar de as cartas não funcionarem como as correspondências deveriam, pois Celie as recebe anos depois e Nettie nunca recebe as da irmã.

Vemos nessa história a relação de amor entre as duas irmãs, que é o único sentimento que Celie cultiva, e através das décadas, ela vai conhecendo e dialogando com outras mulheres que acabam impactando muito a vida uma da outra.

Durante o livro todo, os personagens constantemente falam e reforçam ideias racistas e misóginas. Vemos o destrato dos personagens masculinos com Celie, que não é vista como gente, e vemos também o silenciamento da personagem. E é através dessas cartas a Deus que podemos observar um reflexo da sociedade da época. Mas apesar da história extremamente sofrida e pesada, a escrita da autora deixa o romance leve de acompanhar e nos deixa esperançosos e felizes com o despertar que a personagem tem para com ela mesma e com as pessoas ao seu redor.

Neste artigo iremos abordar a transformação da personagem principal Celie marcada pelas cartas que escreve a Deus, mostrando seus pensamentos

mais íntimos através da narrativa epistolar. Além de tocar em conceitos teóricos sobre as violências que trespassam a obra do começo ao fim, se entrelaçam e se somam.

## *2 As aberturas proporcionadas pela estrutura epistolar*

A escrita de cartas não é algo novo na humanidade, e apesar de existir como importante fator de comunicação ou até mesmo de registro histórico, é no caráter íntimo e revelador da carta que está a riqueza do romance epistolar e, no caso de *A Cor Púrpura*, a possibilidade de se enxergar e entender as marcas sociais de violência.

Apesar de ser uma ficção, a obra de Walker é repleta de referências históricas de acontecimentos e figuras importantes do decorrer do século XX. Essas marcas deixadas pela autora ao longo da história, trazem uma maior identificação e validação, de certa forma, para o fortalecimento das personagens que são indiretamente transformadas por tais ideias e ampliação de conhecimento. Na história do livro é principalmente representada por Nettie, que viaja a outros lugares e entra em contato com alguns nomes importantes de movimentos de orgulho preto. Enquanto Celie se fortalece com a escrita de si (interior), Nettie se fortalece com o conhecimento vindo dos outros (exterior).

Em *A Cor Púrpura* e em outras produções da época da publicação do romance, vemos uma ficção, mas que carrega em si traços do real. Podemos ver nessas histórias marcas de historicidade. A literatura permite esse diálogo do imaginário da ficção com a história e seus fatos, ela une essas fronteiras, proporcionando um novo entendimento de história, que antes estava oculta.

Por ser um hábito entre muitas pessoas, o romance epistolar era bastante usado para trazer identificação e conexão com os leitores, dando uma

intimidade maior para as ficções. As histórias pareciam mais reais e traziam junto disso a subjetividade dos personagens, uma vez que uma carta é algo muito íntimo entre o remetente e o destinatário. Muitas vezes era também um diário, o que dava uma maior voz aos personagens que não só viviam os acontecimentos, mas se abriam mais e as contavam pelo seu íntimo.

Sobre o caráter da carta e as motivações de quem a escreve, Nettie fala:

Eu me lembro de certa vez quando você me contou que sua vida deixava você tão envergonhada que nem com Deus você conseguia falar a respeito, você tinha que escrever, apesar de achar que você escrevia muito mal. Bem, agora eu entendo o que você quis dizer. E independente de se Deus lê cartas ou não, eu sei que você vai continuar escrevendo, o que é inspiração suficiente para mim. De qualquer forma, quando não escrevo para você eu me sinto tão mal como quando não rezo, trancada dentro de mim mesma, meu próprio coração me sufocando. (WALKER, 2021, p. 143).

Esse trecho é um ótimo recorte do que é o papel dessa escrita para as irmãs do romance, o bem que fazia a elas, que escreviam para além de contar sobre suas vidas, mas para desabafar. Mesmo com um destinatário que não as responderia, e sem saber sequer se suas cartas seriam lidas e ouvidas, esse ato de Celie motiva Nettie em sua desesperança de um dia a irmã receber as cartas. Ela continua escrevendo, como em um ato de prece a Deus.

A doutora em educação e história Maria Teresa Cunha fala em *Cartas entre amigas* (2002) sobre esse ato de escrever:

[é] confrontar-se com códigos estabelecidos e, a partir deles, inventar/construir um lugar para si, através das palavras. Trocar cartas corresponder-se, escrever para alguém são formas de se expor, de compartilhar experiências, construir elos invisíveis e, muitas vezes, duradouros. A carta como uma prática de escrita, tanto fala de quem a escreve como revela sempre algo sobre quem a recebe, anunciando a intensidade do relacionamento entre os envolvidos, pois nunca se escreve senão para viver, a fim de fazer frente a uma situação, para explicar, justificar-se, informar, dirigir-se a, apelar, queixar-se, sofrer menos, fazer-se amar, dar-se prazer. (CUNHA, 2002, p. 188).

Essa colocação sumariza o que apresentamos sobre a intimidade do gênero epistolar, além de simbolizar muito bem o ato de escrever cartas. Podemos ver esses traços sobre a escrita principalmente na personagem Celie. Ela encontra nas cartas uma maneira de existir e ter voz na sua realidade de violência e apagamento.

A professora Vanessa Martins diz sobre a intimidade da carta e a possibilidade de se ver:

[...] é possível fazer aparecer o seu próprio rosto e se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo. [...] Relatar o seu dia e não por causa da importância dos acontecimentos, mas justamente na medida em que eles nada têm para deixar de ser igual a todos os outros, atestando assim, a qualidade de um modo de ser. É como “viver sob o olhar de outrem sem nada ter a esconder”. Um exercício mental de memorização com o objetivo de se constituir como inspetor de si mesmo e avaliar as faltas comuns e reativar as regras de comportamento que é preciso ter sempre no espírito. [...] Enfim, através da correspondência o indivíduo acaba por criar também uma literatura de si. [...] Dessa forma, ao tentar construir um texto que esboce a si mesmo, relate os aspectos escolhidos de seu cotidiano, expresse impressões sobre a alma, o corpo, o lazer, não se trata de um personagem pronto, mas em permanente construção. (MARTINS, 2011, p. 66-67).

O formato de narrativa epistolar escolhido por Walker em *A Cor Púrpura* nos permite então uma grande intimidade com a personagem e nos deixa ver e saber muitas coisas que de outra maneira narrativa não seria possível. Essa estrutura nos permite também olhar valores e fenômenos sociais como a interseccionalidade e a violência simbólica.

A interseccionalidade é um conceito explicado pela professora, estudiosa e ativista Kimberlé Crenshaw, em 1989, no artigo *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*. Esse conceito explica que a experiência de um indivíduo não depende de apenas um fator, mas está interligada e definida por vários outros, como raça, gênero, sexualidade, etnia, classe, dentre outros marcadores sociais.

Na história, Celie constantemente sofre vários tipos de violência, vindo de diferentes partes da intersecção que ela se encontra. Ela é constantemente atacada tanto por ser mulher como por ser preta. É um pensamento exemplificado bem na fala de Sinhô quando ele diz “Olhe pra você. Você é preta, é pobre, é feia. Você é mulher.” (p. 210), usando mulher por último na lista, como sendo o pior que se pode ser, mas ainda assim não estando só, é um conjunto somatório das outras categorias que ele fala também.

Os problemas discutidos pela interseccionalidade são somatórios e opressores, desempoderam o indivíduo e acabam por invisibilizá-lo. É com esse termo que percebemos que os eixos de poder relacionados à raça, etnia, gênero, classe, sexualidade etc., estruturam a sociedade e as questões sociais, econômicas e políticas nas quais vivemos. A teoria interseccional é uma maneira de entender os múltiplos fatores que se integralizam para a experiência de uma pessoa na sociedade e como isso influencia nas opressões que sofre e reforçam a hierarquia social e suas subordinações.

A interseccionalidade também indica as potencialidades intelectuais que essas visões múltiplas têm a acrescentar na interpretação da realidade. Esse pensamento é afirmado por Ana Paula Moritz, que diz que:

Pensar as intersecções é desafiar as estruturas de poder e lutar contra o silenciamento de vozes. Falar por si, encontrar a própria voz e se autodefinir é essencial para o empoderamento, sendo um meio de romper com hierarquias de poder que antes falavam por essas mulheres e definiam aos seus moldes o lugar a que deviam pertencer. (MORITZ, 2020, p. 64).

Essas violências para quem está na interseccionalidade, pode vir muitas vezes mascarada, como uma violência simbólica, termo elaborado por Pierre Bourdieu em meados da década de 1970.

A violência simbólica (BOURDIEU, 2007) vem de uma relação de poder e influência e é uma violência naturalizada, já aceita e incorporada na sociedade.

Está disfarçada, sutil, nos discursos, posturas e posicionamentos que produzem danos psicológicos e morais. Já está tão intrínseca que os oprimidos sequer se dão conta de que são oprimidos ou sequer se veem como vítimas, sentindo que sua condição é algo impossível de ser evitado, pensamento apresentado por Celie. A vítima é diminuída em sua dignidade ou bem-estar, se sentindo muitas vezes humilhada.

É através do capital simbólico que os indivíduos e instituições exercem o poder de persuadir e manipular por meio de símbolos e estruturas de poder, com seus ideais, pensamentos e crenças, fazendo-os serem ouvidos, fornecendo autoridade. É a manifestação do discurso do grupo dominante, que é tão institucionalizada e acontece há tanto tempo tão continuamente que já vira uma crença na mente dos indivíduos da sociedade, que acabam usando essa violência dentro de si automaticamente.

A construção social que se tem das mulheres retrata o comportamento feminino como fraco e as atividades femininas como de menor valor, além de estereótipos opressores, como a associação da mulher ao sensível, emotivo e frágil enquanto o homem representa a força. Aparece também na linguagem, em frases como “bater como uma garota”, “chorar como uma menininha” ou “isso é coisa de menina”, usadas no sentido negativo e que sutilmente desenvolvem visões sobre a subordinação e diminuição das mulheres. Ao ouvir isso desde muito pequena, já se internaliza a ideia de se ficar dentro desse padrão, como acontece com Celie. Bourdieu diz:

Em termos de dominação simbólica, a resistência é muito mais difícil, pois é algo que se absorve como o ar, algo pelo qual o sujeito não se sente pressionado; está em toda parte e em lugar nenhum, e é muito difícil escapar dela. (BOURDIEU; EAGLETON, apud ŽIŽEK, 2007, p. 270).

É aí que entra o racismo do próprio negro contra si e o machismo da própria mulher, com discursos tão institucionalizados que nós mesmos

acabamos os internalizando, junto da ideia de inferiorização. O auge da violência é justamente esse, quando o oprimido incorpora o discurso do opressor e reitera essas “verdades” e violências, como diz a socióloga Heleieth Saffioti: “Os negros e as mulheres, assim como todas as categorias sociais discriminadas, de tanto ouvirem que são inferiores aos brancos e aos homens, passam a acreditar em sua própria inferioridade.” (SAFFIOTI, 2002, p. 29).

Esse auge da violência simbólica é mostrado muito bem no relacionamento de Harpo, Sofia e Celie. Sofia sempre foi uma mulher que demonstrava muita força física e não se curvava perante seu marido. Harpo gostava de sua esposa, mas ouvia que não era certo ela agir dessa maneira com ele, então ele começa a agredi-la. Depois, em uma conversa com Celie, ela concorda que ele deve bater em Sofia, reforçando a ideia de violência física mesmo que Celie sofra dessa mesma violência. Por mais que Celie perceba como os dois se gostam e são felizes assim, por mais que saiba que Sofia não é como ela que só abaixa a cabeça, ela se apega ao que se tem como padrão de que a esposa deve ser submissa ao marido e propaga a violência.

### *3 A construção de si através do outro*

Durante o livro, os acontecimentos e conversas da história são apresentados ao leitor através das cartas de Celie, que segue escrevendo sobre seus dias e interações. Vemos pelas falas dos personagens as marcas identitárias reforçadas constantemente que moldaram Celie e a fizeram acreditar ser o que diziam a ela. As constantes falas violentas de uma sociedade que não tinha lugar para ela, a fizeram acreditar que aquela era sua única possibilidade de ser.

#### *3.1 A quem se escreve*

Quando falamos de cartas, um dos fatores mais importantes de sua estrutura é a relação remetente-destinatário, afinal para quem a personagem está contando? E por quê?

O destinatário de cerca de metade da história já é entendido quando o livro começa com a frase: “É melhor você nunca contar pra ninguém, só pra Deus. Isso mataria sua mamãe.” (WALKER, 2021, p. 35). Celie endereça suas cartas a Deus. A fé e a religião são aspectos culturais muito comuns e que normalizam o pensamento dessa comunicação com Deus como o único que pode ouvir suas dores e Celie acredita que enquanto ela puder escrever a Deus ela terá algo.

Porém, essa relação também a deixava refém dos acontecimentos de sua vida, que ela dizia ser da vontade divina, tomando-os como inevitáveis e não os questionando. É um condicionamento da inércia de não poder fazer nada e não ter a vida em suas próprias mãos.

No decorrer da história, percebemos como Celie tem esse Deus para quem escreve como uma imagem de opressão. Sempre o associou ao branco e tendo o branco associado com pureza. Já Nettie, vai em suas viagens descobrindo e escrevendo à irmã que na Bíblia os etíopes eram pretos, por isso é dito que o cabelo de Jesus era que nem lã de cordeiro e não liso. É a surpresa de perceber uma narrativa diferente da Bíblia, que levava a acreditar que os personagens eram todos brancos, assim, os pretos não se viam nas histórias.

Então Deus não era uma figura que representava Celie e a acolhia, pelo contrário, trazia também uma forma de opressão por ser a mesma imagem que já a oprimia no dia a dia. No seu ato mais íntimo de se mostrar ao se escrever, ela inconscientemente sofria essa violência.

Em um momento de dor e revolta, Celie questiona quem é Deus e o que ele fez por ela. Shug tenta fazê-la ver as coisas boas, que ele deu a vida por ela, deu saúde e uma mulher que a ama, e Celie diz:

É, eu falei, e ele me deu um pai linchado, uma mãe louca, um cachorro ordinário como padrasto e uma irmã que eu nunca mais vou ver. De todo jeito, eu falei, o Deus pra quem eu rezo e pra quem eu escrevo é homem. E age igualzinho aos outros homem que eu conheço. Trapaceiro, esquecido e ordinário. [...] Se ele alguma vez escutasse uma pobre mulher negra, o mundo seria um lugar bem diferente, eu posso garantir. [...] Toda minha vida eu nunca me importei com o que as pessoas pensavam de coisa alguma que eu fizesse, falei. Mas no fundo do meu coração eu me importava com Deus. O que ele ia pensar. E acabei descobrindo que ele não pensa. Só fica sentado lá na glória de ser Deus, eu acho. Mas não é fácil tentar fazer as coisas sem Deus. Mesmo se você sabe que ele não tá lá, tentar fazer sem ele é duro. (WALKER, 2021, p. 196).

A personagem de Shug mostra outra visão de Deus para Celie, falando que quando você entende que Deus te ama, percebe que a melhor forma de agradecer é fazer coisas que você gosta de fazer, e que você não precisa fazer algo em troca do amor de Deus. Só por admirar o que se olha, ser feliz e se divertir, você pode agradecer a Deus. Ela diz que Deus não está na igreja, e sim dentro de cada um.

Deus tá dentro de você e dentro de todo mundo. Você vem pro mundo junto com Deus. Mas só quem procura essa coisa lá dentro é que encontra. [...] Não é uma coisa que você pode ver separado de tudo o mais, incluindo você. Eu acredito que Deus é tudo, Shug falou, Tudo que é ou já foi ou será. E quando você consegue sentir isso e ficar feliz porque tá sentindo isso, então você encontrou ele. (WALKER, 2021, p. 199).

Ela prossegue falando como encontrou Deus na natureza e do dia que se sentiu parte de tudo, como uma experiência transformadora. Diz também que Deus ama inclusive os sentimentos de amor por outras pessoas, no caso entre as duas, e que isso não era indecente, pois ele que fez. Shug conta que Deus ama tudo que você amar, e ama acima de tudo a admiração, que ele gosta que se compartilhe e repare na cor púrpura no campo. É ele que está tentando agradecer as pessoas o tempo todo, quando faz pequenas surpresas e as espalha quando menos se espera.

Celie descreve seu Deus como um homem branco, da cabeça aos pés, e Shug diz que ela também via esse velho homem branco como Deus quando costumava rezar, e que é esse homem que ela vai encontrar na igreja, pois é ele que está na Bíblia branca dos brancos.

Nessa conversa com Shug, Celie entende que aquela visão de Deus e da Bíblia, onde os pretos apareciam como amaldiçoados, não lhe cabiam. Esses pensamentos nessa fé enraizaram até o ponto de comentarem que se Jesus aparecesse sem ser de cabelo liso ele não seria aceito. É por causa dessa imagem de Deus que Celie sentia que suas preces não eram ouvidas, pois era um reflexo de uma sociedade que também não a ouvia. Então ela muda seu escrever, e passa a endereçar suas cartas a sua irmã.

Celie percebe então que a figura do homem (que oprime) parece estar em todos os lugares e de tanto ver isso você começa a acreditar que ele é Deus. Shug diz que toda vez que Celie for rezar e aquele homem aparecer, ela deve pensar na natureza.

E assim Celie começa um caminho de fazer as pazes com Deus e entender sua grandiosidade presente no mais simples do dia a dia, a libertando da imagem presa que tinha antes. Ao entender as raízes desse pensamento ela também se libertou, e pôde ter uma relação mais sincera, pura, e livre com o Criador, a natureza e a vida, derrubando aquela imagem de Deus e realmente entendendo Deus.

Depois desse momento ela começa a escrever amém no final de suas cartas e só volta a falar com Deus no final, quando Nettie chega. Ela escreve “Querido Deus. Queridas estrela, queridas árvore, querido céu, querida gente. Querido tudo. Querido Deus.” (WALKER, 2021, p. 282), entendendo Deus como a natureza e tudo que a cerca.

### *3.2 As violências associadas aos papéis de gênero e racismo*

Celie, no decorrer de sua história sofre, várias violências. É comum durante o livro as personagens reforçarem ideias misóginas, de como uma mulher deve se comportar e o que deve fazer. Além do destrato dos personagens masculinos com Celie, que nem é vista como gente.

A postura dos personagens mostra como se a mulher devesse existir apenas para o homem, e se ela não o faz ela é uma fracassada. Temos vários comentários no decorrer da história mostrando isso, como por exemplo sobre a esposa anterior de Sinhô que era vista como desleixada, que não sabia cuidar das crianças, pois as deixava sujas, doentes e com fome, além de não saber cozinhar. Em contraste, Celie era boa por fazer tudo isso, pois “quando uma mulher casa ela deve trazer a casa decente e a família limpa.” (WALKER, 2021, p. 52).

Outras falas e atitudes pontuais que transparecem a noção dividida de gênero são a associação da força e poder como algo dos homens. Esse ponto é sempre mostrado entre os personagens de Harpo e Sofia, que naturalmente são o oposto disso. Porém, em uma tentativa de encaixar no padrão de ideia de homem e mulher, Harpo comenta que homem que tem força, as mulheres são mais fracas e elas têm que chorar, e não tentar dominar. E Sinhô, que acha que Harpo deve bater em Sofia, diz que bate em Celie simplesmente porque ela é mulher dele e também é teimosa. E assim Harpo também o faz.

Esse pensamento da mulher existir para o homem, também é mostrado pelo outro lado da história, com Nettie. Ela conta que onde mora, os Olinka acreditam que uma menina não é nada para ela mesma, e que só pode se tornar algo para seu esposo, e esse algo é mãe de seus filhos. A mulher existe para servir o homem, é uma relação de submissão que sequer permite que mandem suas meninas para a escola, porque ninguém gostaria de ter uma esposa que sabe tanto quanto os maridos. Mais tarde na história, quando uma das mães fica

viúva, ela pode fazer o que quiser, e é dito que virou um “homem honorário” já que não vai mais se casar, tendo em vista que já teve cinco filhos homens, como se já tivesse cumprido seu papel de mulher. Nessa mesma linha, uma missionária, que tem um pseudônimo masculino para escrever histórias de sucesso, por ser bem diferente do que os homens estavam acostumados como uma mulher deveria ser, é presenteada com duas esposas, como seria um homem de respeito. É como se não a considerassem mulher por causa do poder e liberdade que ela exercia.

A personagem de Shug Avery é uma quebra desses padrões. É uma personagem muito livre, que fala o que pensa sem se importar, arrumando briga e estando decidida a viver sua vida sendo ela mesma, o que acaba trazendo vários comentários dos outros personagens sobre isso. A própria Celie inicialmente diz que Shug às vezes fala e age como homem quando fala que uma mulher é gostosa, ao invés de falar sobre cabelo ou filhos, como as mulheres deveriam fazer.

No final da história, uma conversa de Celie e Sinhô mostra uma reflexão interessante sobre esses papéis de gênero com aquelas personagens. Essas atitudes fazem Shug ter mais jeito de homem do que muitos homens, de acordo com Sinhô. Mas Celie diz que nem Harpo e nem Sinhô são assim, então isso não pode ser jeito de homem, é jeito de mulher, porque Shug e Sofia são assim. Sinhô diz que elas não são nem como os homens e nem como as mulheres, e Celie responde que ele quer dizer que elas não são nem como Sinhô nem como Celie, elas são diferentes, não dependem de ninguém. (WALKER, 2021, p. 266-267). Nesse diálogo dos dois, eles mostram como nenhum deles ali era de acordo com os papéis atribuídos aos gêneros e como eles se anulavam para caber em tal.

Outro ponto a se destacar, é que durante a história, Celie oculta os nomes de alguns personagens. Isso traz uma anonimidade. A primeira vez que lemos o nome de Sinhô não só o leitor estranha como a própria Celie também. O mesmo

acontece com seu padrasto, ela sequer reconhece essa identificação. Então conhecemos muitos personagens como Sinhô \_\_, Seu \_\_, que mesmo tendo seus nomes ditos por outros personagens, Celie continua a os escrever assim.

A nomeação é uma questão também mostrada na personagem feminina de Mary Agnes. Ela, cujo apelido é Tampinha, é incentivada por Celie a falar para Harpo a chamar pelo seu nome para que ele a enxergue. É depois de um momento de violência sofrida por ela que ela exige ser chamada pelo nome. Isso mostra que essa ocultação invisibiliza, como que não enxergando a personagem como uma pessoa e digna de respeito. O uso do nome traz respeito e de certa forma reconhecimento, talvez seja por isso que Celie oculte os nomes dos maiores símbolos de violência para ela.

As marcas de violência em Celie se resumem a um silenciamento da personagem. Ela só fazia o que era mandada para sobreviver. Não existia para si. Celie foi diminuída a vida inteira. O padrasto dizia que ela era feia, não era esperta, era mentirosa, até Shug a primeira vez que a vê, olha Celie de cima a baixo e diz que ela é mesmo feia, reforçando o que já falavam muito para ela. E de tanto ouvir de várias pessoas por vários anos, você acredita.

Quando dizem a Celie para ela reagir e se defender, que ela que tem que lutar por si mesma, ela pensa na irmã, que achava estar morta, que brigou e reagiu, e por isso Celie não faz nada, mas está viva. "Tudo queu sei é como continuar viva" (WALKER, 2021, p. 50). É um processo de lavagem cerebral que faz o oprimido acreditar que está melhor assim do que se tentar sair desse lugar de violência, mas como mudar se ela vê isso e vive essas violências constantemente? Quando Sofia vai presa, ela diz que está fazendo tudo como Celie, obedece tudo que a mandam fazer, é a melhor prisioneira que eles já viram, usando uma analogia perfeita para a situação de Celie: presa.

Desde os abusos do padrasto, Celie sequer entendia o que estava acontecendo com ela. Essa violência que Celie teve que viver desde nova e

carregou a vida toda, era levada em silêncio, o que sequer dá espaço para a vítima processar, e vemos essa dor quando Celie finalmente fala sobre isso em voz alta com alguém. Em uma cena muito forte ela conta para Shug e abre as portas para o choro, talvez pela primeira vez percebendo tudo que aconteceu com ela. Além da dor da violência em si, ainda tem a vergonha que Celie sente dos filhos, justamente por eles terem vindo dessa violência, o que acaba sendo mais uma violência psicológica nela.

Outra violência presente no livro com frequência é o racismo, que aparece tanto vindo dos brancos quanto dos próprios negros. Essa é uma característica típica da violência simbólica, de uma sociedade em que já se acostumou a viver com esses pensamentos de preconceito racial. O livro mostra o racismo de várias formas, desde o descaso até o entender negro como ruim e branco como tudo de positivo.

Há também o colorismo, presente em como os personagens descrevem sempre de maneira pior os mais retintos e de maneira melhor quem tem a pele mais clara. “Depois, você veste Mary Agnes do jeito que deve ser e você vai fazer rios de dinheiro. Sarará como ela é, cabelo arrumado e olhos nublado, os homens vão ficar louco com ela.” (WALKER, 2021, p. 132). Do outro lado da moeda, temos também comentários como ser bonita, mas não tão bonita porque se é muito preta. E também há a fala de Tashi sobre seu receio de ir para os EUA porque ela via nas revistas que os pretos não admiravam os pretos retintos como ela, especialmente as mulheres retintas, e que eles tentam parecer brancos.

A personagem Dona Millie, esposa do prefeito, e sua família são a representação dos brancos racistas e do pensamento segregacionista do Sul. Sofia ao ser presa vai trabalhar na casa de Dona Millie e fica lá por quase doze anos em uma situação análoga à escravidão, onde ela não podia sequer ver os filhos. O único momento que ela relata que os viu foi por 15 minutos, que Dona

Millie deu a Sofia como um “presente”. A personagem solta várias falas nitidamente racistas e com pensamentos de superioridade branca.

Essa dinâmica de Sofia com essa família é interessante para mostrar como ela, que sempre foi uma personagem muito forte e que não se dobrava para nenhum homem preto, ficou subordinada às vontades dessa mulher branca, o que nos mostra a interseccionalidade das opressões de gênero, raça e classe trabalhando juntas, mas de maneiras diferentes.

### *3.3 A descoberta de seu amor*

Um ponto importante da história também é a sexualidade de Celie, que é despertada por Shug. Porém desde antes, Celie já dizia que olhava para mulheres, mas ela não entendia o sentimento e sequer achava que podia sentir aquilo, por pensar ser algo errado. Durante vários momentos na narrativa ela expressa como não gosta de homens e não tem atração por eles e chega a dizer que “a única vez queu sinto uma coisa atiçando lá embaixo é quando eu penso na Shug.” (WALKER, 2021, p. 93).

Depois de ficarem mais próximas, Shug conversa com Celie sobre sexo e explica para ela sobre “o botão” que lhe dá prazer, trazendo mais descobertas para a personagem e um incentivo ao amor-próprio.

Shug é a grande paixão de Celie. Desde quando Celie pega sua foto ela se encanta e sonha com Shug. Ela acha Shug a mulher mais linda que já viu. Tudo que quer é ficar olhando e fazer muitas perguntas para saber tudo sobre ela. Celie se preocupa em parecer mais bonita e arrumada para Shug, seu coração acelera por Shug, ela fica triste e sente ciúmes. Quando Shug conta para Celie que está amando outra pessoa e conta todas as histórias dessa paixão, Celie sente raiva, mas depois entende que Shug está no direito dela de ser livre para amar e demonstra muita consciência e não egoísmo ao deixá-la livre. “Quem sou

eu pra dizer pra ela quem ela deve amar? Meu negócio é só amar muito ela e de verdade, eu mesma.” (WALKER, 2021, p. 266).

Elas, ao decorrer da história, viram amigas confidentes, família. Elas se amam. Shug ajudou muito Celie, foi compreensiva e a incentivava a lutar por si, apoiando também nos momentos difíceis. Foi para Shug que ela contou a primeira vez sobre o padrasto, e ao encontrar conforto nos braços da amada, Celie diz que “parecia como o céu deve ser parecido.” (WALKER, 2021, p. 131). Foi Shug também que quis saber mais sobre Nettie, a pessoa que Celie mais amava, e demonstra muito carinho e cuidado com ela. Shug a viu quando nem Celie se enxergava. E foi ela que deu a ideia a Celie de costurar calças e seguiu a incentivando com o negócio, querendo ajudar e divulgar para o mundo, fazendo-a crescer.

#### *4 A Jornada de liberdade de Celie*

Já na primeira carta de Celie, ao contar dos abusos e violências de seu padrasto, ele a diz “é melhor você calar a boca e acostumar.” (WALKER, 2021, p. 35), e foi o que ela fez com todas as violências de sua vida. Ela obedecia e se comportava apenas para sobreviver, assim, vemos o silenciamento de Celie. É como sua irmã diz, ela parece enterrada.

Durante o começo da história, percebemos uma grande apacidade de Celie, que não sente nada nem por si nem pelas pessoas ao redor. A única pessoa que quebra isso inicialmente é Nettie, e mais tarde Shug. É como se ela mesma não se permitisse sentir as emoções, talvez como forma de precaução, ou talvez ela só não soubesse o que sentir, porque nunca houve espaço para tal coisa dentro dela, para entender e cultivar seus sentimentos. Ela foi reprimindo o sentimento porque não podia senti-los, como quando tinha raiva dos pais e ignorava para não desobedecer a bíblia. E assim, toda vez que ela ficava com

raiva adoecia, então foi simplesmente parando de sentir e nunca mais sentiu mais nada. São poucos os momentos que vemos Celie até mesmo sorrir.

Um dia uma das irmãs de Sinhô leva Celie para comprar roupa e, inspirada em Shug, ela quer algo púrpura ou vermelho, mas Sinhô não pagaria por essas cores por serem alegres demais. Celie leva uma cor mais suave e neutra e fica feliz por ter sido a primeira roupa que ganha totalmente para ela, sem ser algo já usado. Esse momento significa muito para Celie, é a primeira vez que ela é enxergada e digna de algo.

Ao longo da história, vemos outros pequenos momentos de Celie sendo enxergada, o que é de extrema importância. O simples fato de Sinhô perguntar algo a ela pela primeira vez é uma maneira de ser vista, e quando você é vista você existe, o que desperta até dentro da própria pessoa. E Celie não tinha isso, ela se acostumou a não existir dentro dela.

As personagens femininas são muito importantes na existência uma da outra, elas vão se ajudando, se transformando, e uma ajuda a libertar a outra. É como se Celie começasse a perceber a sua e outras realidades. A união das mulheres nesse livro é uma base que traz e expressa apoio entre elas, um conforto e compreensão em meio a tanta violência e que possibilita a mudança em direção à liberdade.

As personagens de Sofia, que representa força, e de Shug Avery, que representa libertação, são uma quebra em relação aos comportamentos esperados de uma mulher. Elas não obedecem, brigam, e fazem o que elas querem, sendo um contraponto de Celie, o que acrescenta muito à personagem, que tem Shug como inspiração.

O despertar de Celie já estava sendo trilhado, mas só acontece de fato quando ela descobre que sua irmã está viva. Nettie era a única pessoa que Celie amava e quando descobre que ela mandava cartas todos esses anos, Celie levanta a cabeça. Ela fica com vontade de matar Sinhô. Foi preciso mexer com

sua irmã para que Celie começasse a reagir. Ela passa a se defender, já não mais abaixa a cabeça e fala várias coisas na cara de Sinhô. É como verbalizar sua libertação que já vinha acontecendo internamente.

Depois que Celie começa a escrever para a irmã, ela parece até escrever mais, fala mais de si e está mais animada. Ela conta e sente ao invés de só observar e relatar como parecia fazer antes, agora ela quer compartilhar com a irmã e tem uma razão para viver sua vida.

A costura foi um fator importante para Celie. Inicialmente aparece como algo normal que ela fazia, quando costurava vestidos para Shug e colchas de retalho, e acabou virando um escape para distrair sua mente da raiva que sentia de Sinhô quando ela descobre as cartas da irmã. Shug que sugere que elas façam uma calça para Celie, que era vista como algo de homem, mas isso fica tão forte nela que ela começa a fazer muitas calças, faz para todo mundo da família. Ela é muito boa nisso e acaba virando seu trabalho e sucesso, trazendo independência financeira para Celie. A costura então durante o livro acaba tendo esse papel de costurar até mesmo as relações. Começou com uma colcha com Sofia depois que elas conversaram a primeira vez para se entenderem, e terminou até costurando com Sinhô, criando os laços deles.

O relacionamento de Celie com Sinhô teve uma grande mudança no final da história. Ele que sempre a tratou mal e era violento com ela de várias formas, vai aos poucos melhorando depois que Celie vai embora com Shug e ele sente as consequências de seus atos e da maldição de Celie. Ele percebe o que fez e pela primeira vez começa a de fato conversar com Celie. Ele admite suas faltas e agora trabalha, cuidando de si e da casa. Celie conta as histórias de Nettie para Sinhô, e o relacionamento e cumplicidade deles é tanta e cresce de tal forma que ele até chega a pedi-la em casamento de novo, mas dessa vez para ser de verdade. Nessas últimas páginas Celie passa a chamá-lo de Albert. Ele se abre com ela e compartilha suas dúvidas existenciais que o fizeram repensar a vida

toda. Esse é um relacionamento que foi muito possibilitado e aproximado por Shug, que era algo que eles tinham em comum, o amor por ela. No final eles até se abraçam quando ele está fazendo um molde de camisa para as pessoas usarem com as calças de Celie.

Celie encontra a felicidade, e a leva até o leitor também quando escreve à sua irmã: “Querida Nettie, eu tô tão feliz. Eu tenho um amor. Eu tenho um trabalho. Eu tenho dinheiro, amigos e tempo. E você tá viva e logo vai voltar pra casa. Com nossas criança.” (WALKER, 2021, p. 217). Celie já se enxerga como mulher, vê e reconhece seu corpo, floresce com a vida e se ama. Por conseguinte, vemos no final em sua casa um reflexo disso, com seu quarto sendo púrpura e vermelho, uma representação de liberdade

### 5 Considerações Finais

*A Cor Púrpura* é um livro que consegue reunir em seu enredo vários assuntos diferentes e congruentes, tornando-se uma história extremamente rica, com vários ensinamentos e percepções sociais e culturais. Com tantos temas presentes e abordados de maneira tão bem costurada, é uma leitura que toda vez que é feita pode trazer algo novo ao mesmo leitor.

Através dessa narrativa epistolar, Walker traz com as cartas um processo de relato e entendimento em busca de si que traz uma revolução interna e libertadora. Se não fossem as cartas na história, muita coisa o leitor não saberia e a própria personagem também não perceberia. A escrita de Celie então foi além de proporcioná-la uma fuga e conforto ao tentar um diálogo de si com outro ser distante, vimos através da escrita a personagem se escrever, se enxergar e se libertar.

Celie passa a viver a vida ao invés de só sobreviver. O título do livro remete a isso, a cor púrpura representa a força da transformação e da existência

de Celie, que amava a cor desde quando a quis em uma roupa, e sempre a destaca quando fala das maravilhas do Criador. No final, mostra como ela, ao pintar seu quarto inteiro com a cor, se tornou livre, feliz e em união com a natureza e a beleza dessa cor vibrante presente em pequenas coisas em todo lugar. Celie e a cor púrpura estão na sintonia e são uma expressão do amor de Deus.

A troca da forma que Celie chama Sinhô é muito significativa justamente por tirar o peso da opressão e de figura ruim na vida dela. A ocultação do nome pode ter sido como uma forma de não concretizar ao não mencionar o opressor, ou uma forma de diminuir-se perante ele, não sendo digna de mencioná-lo, ou ainda uma forma de diminuí-lo para não validar e tornar tão real as opressões daquela vida, como maneira de não reconhecer. O fato é que onde eles dois chegam no final, a relação deles, foi um caminho que tanto eles sozinhos quanto juntos traçaram e conseguiram encontrar paz, se entenderam. É um relacionamento que agora de fato existe e sem as marcas de opressão.

Já as mudanças das mulheres presentes na história, com elas se libertando e se transformando, muda não só a vida delas, mas as de quem estiver ao seu redor e, também, de suas descendentes. Quando veem o exemplo e já aprendem a não aceitar menos do que aquilo, elas aprendem a buscar uma vida e liberdade para si. Como é o caso das crianças menores de Sofia e Mary Agnes que veem Celie, Shug e Mary com sucesso, bem-vestidas, e viajando o país, sendo todas exemplo de força. Assim também como Nettie que ensinava Olivia, e essa passou para Tashi, que virou exemplo para outras meninas estudarem na aldeia dos Olinka e assim sucessivamente. É uma cadeia que uma vez iniciada não para, e transforma todas as gerações seguintes sendo, assim, revolucionário.

O caminho trilhado na história por Celie de autodescoberta, autoaceitação, e autoafirmação, exige muita força e é um processo de grande

desconstrução, reconhecimento de dor e coragem. Vemos uma mulher que sai de um lugar de violências físicas, sexuais, espirituais, psicológicas, para um lugar de liberdade. É uma grande luta a se travar, e ela consegue, tendo como vitória sua própria vida para viver.

Por isso a importância de se escrever e de se mostrar, especialmente em grupos historicamente invisibilizados. Através dessas leituras e socialização, o conhecimento da própria história é uma arma muito poderosa contra essas violências e a favor da legitimação da própria existência, que é o que acontece com Celie no decorrer do livro. É preciso que conheçamos as múltiplas realidades que nos cercam para uma melhor existência de todos.

A onda de produção afro-americana feminina da segunda metade do século XX, traz à tona essa violência simbólica e a invisibilidade das interseccionalidades. Podemos colocar a fala de Audre Lorde (1984):

E onde as palavras das mulheres estão clamando para ser ouvidas, cada um de nós deve reconhecer nossa responsabilidade de buscar essas palavras, de lê-las e compartilhá-las e analisá-las em sua pertinência para nossas vidas. Que não nos escondamos atrás das zombarias de separações que têm sido impostas sobre nós e que tão frequentemente aceitamos como nossas. [...] O fato de que estamos aqui e eu falar essas palavras é uma tentativa de quebrar aquele silêncio e criar uma ponte para algumas dessas diferenças entre nós, pois não é só a diferença que nos imobiliza, mas o silêncio. E há muitos silêncios a serem quebrados. (LORDE, 1984, p. 43-44, tradução nossa).

O livro é de grande importância para o reconhecimento e identificação do leitor não apenas que passa por uma situação parecida com a de Celie ou de alguma personagem, mas é uma história tão íntima, completa e libertadora, que quebra correntes dentro de nossas cabeças em relação a preconceitos e visões que temos. É um livro que traz um conforto ao se perceber que não se está sozinho, ao ler em uma narrativa de uma mulher em outro país em outro século, pensamentos que você também talvez já tenha tido, percebendo semelhanças da experiência de opressão racista e sexista. E isso é libertador também para o

leitor, que consegue ver e entender que sua dor é real e pode ser falada, e assim o próprio leitor começa a travar também seu caminho de libertação.

Quando uma mulher preta decide usar sua voz, ela também está dando voz a várias outras, abrindo caminhos para o reconhecimento de outras realidades. Por isso, quando se tem um movimento de vozes negras femininas, é trazido à tona questões antes apagadas no interlaço da parte racial somada à parte do gênero. E vemos também como esse processo não é benéfico apenas para ela, mas para todos que a cercam e para a evolução da sociedade como um todo.

### REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P.; EAGLETON, T. A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista. In: ŽIŽEK, S. (org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007. p. 265-278.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Por hoje é só. Cartas entre amigas. In: BASTOS, M. H. C./CUNHA, M. T. S./MIGNOT, M.C.V. (Org.). *Destinos das letras – história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002.

LORDE, Audre. The Transformation of Silence into Language and Action. In: *Sister outsider: essays and speeches*. Trumansburg, NY: Crossing Press, 1984. p. 40-44.

MARTINS, Vanessa. Reflexão sobre a escrita epistolar como fonte histórica a partir da contribuição da teoria da literatura. *Revista Língua & Literatura*. Rio Grande do Sul, v. 13, n. 20, p. 61-72, 2011.

MORITZ, Ana Paula. Literatura e interseccionalidade: "A Resposta", de Kathryn Stockett, e os lugares de fala subalternos. *Revista Desigualdade & Diversidade*. Rio de Janeiro, n. 18, p. 55-69, 2020.

SAFFIOTI, H.I.B. *O Poder do Macho*. São Paulo: Moderna, 2002.

WALKER, Alice. *A Cor Púrpura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

Recebido em 31/08/2023.

Aceito em 25/04/2024.